



Prova de Bolsa 2023 – Questões objetivas – com gabarito

Texto I: Antes do Baile Verde (excerto)

- 1** O rancho azul e branco desfilava com seus passistas vestidos à Luís XV e sua porta-estandarte de peruca prateada em forma de pirâmide, os cachos desabados na testa, a cauda do vestido de cetim arrastando-se enxovalhada pelo asfalto. O negro do bumbo fez uma profunda reverência diante das duas mulheres debruçadas na janela e prosseguiu com seu chapéu de três bicos, fazendo rodar a capa encharcada de suor.
- 2** — Ele gostou de você — disse a jovem voltando-se para a mulher que ainda aplaudia. — O cumprimento foi na sua direção, viu que chique?
- 3** A preta deu uma risadinha.
- 4** — Meu homem é mil vezes mais bonito, pelo menos na minha opinião. E já deve estar chegando, ficou de me pegar às dez na esquina. Se me atraso, ele começa a encher a caveira e pronto, não sai mais nada.
- 5** A jovem tomou-a pelo braço e arrastou-a até a mesa de cabeceira. O quarto estava revolvido como se um ladrão tivesse passado por ali e despejado caixas e gavetas.
- 6** — Estou atrasadíssima, Lu! Essa fantasia é fogo... Tenha paciência, mas você vai me ajudar um pouquinho.
- 7** — Mas você ainda não acabou?
- 8** Sentando-se na cama, a jovem abriu sobre os joelhos o saiote verde. Usava biquíni e meias rendadas também verdes.
- 9** — Acabei o quê! Falta pregar tudo isso ainda, olha aí... Fui inventar um raio de pierrete difícilíssima!
- 10** A preta aproximou-se, alisando com as mãos o quimono de seda brilhante.
- 11** Espetado na carapinha trazia um crisântemo de papel crepom vermelho. Sentou-se ao lado da moça.
- 12** — O Raimundo já deve estar chegando, ele fica uma onça se me atraso. A gente vai ver os ranchos, hoje quero ver todos.
- 13** — Tem tempo, sossega — atalhou a jovem. Afastou os cabelos que lhe caíam nos olhos. Levantou o abajur que tombou na mesinha. — Não sei como fui me atrasar desse jeito.
- 14** — Mas não posso perder o desfile, viu, Tatisa? Tudo, menos perder o desfile!
- 15** — E quem está dizendo que você vai perder?
- 16** A mulher enfiou o dedo no pote de cola e baixou-o de leve nas lantejoulas do pires. Em seguida, levou o dedo até o saiote e ali deixou as lantejoulas formando uma constelação desordenada. Colheu uma lantejola que escapara e delicadamente tocou com ela na cola. Depositou-a no saiote, fixando-a com pequenos movimentos circulares.
- 17** — Mas se tiver que pregar as lantejoulas em todo o saiote...
- 18** — Já começou a queixação? Achei que dava tempo e agora não posso largar a coisa pela metade, vê se entende! Você ajudando vai num instante, já me pinte, olha aí, que tal minha cara? Você nem disse nada, sua bruxa! Hein?... Que tal?
- 19** — Ficou bonito, Tatisa. Com o cabelo assim verde você está parecendo uma alcachofra, tão gozado. Não gosto é desse verde na unha, fica esquisito.
- 20** Num movimento brusco, a jovem levantou a cabeça para respirar melhor. Passou o dorso da mão na face afogueada.
- 21** — Mas as unhas é que dão a nota, sua tonta. É um baile verde, as fantasias têm que ser verdes, tudo verde. Mas não precisa ficar me olhando, vamos, não pare, pode falar, mas vá trabalhando. Falta mais da metade, Lu!
- 22** — Estou sem óculos, não enxergo direito sem os óculos.
- 23** — Não faz mal — disse a jovem limpando no lençol o excesso de cola que lhe escorreu pelo dedo.
- 24** — Vá grudando de qualquer jeito que lá dentro ninguém vai reparar, vai ter gente à beça. O que está me endoidando é este calor, não aguento mais, tenho a impressão de que estou me derretendo, você não sente? Calor bárbaro!
- 25** A mulher tentou prender o crisântemo que resvalara para o pescoço. Franziu a testa e baixou o tom de voz.
- 26** — Estive lá.
- 27** — E daí?
- 28** — Ele está morrendo.
- 29** Um carro passou na rua, buzinando freneticamente. Alguns meninos puseram-se a cantar aos gritos, o compasso marcado pelas batidas numa panela: *A coroa do rei não é de ouro nem de prata...*

- 30** — Parece que estou num forno — gemeu a jovem dilatando as narinas porejadas de suor. — Se soubesse, teria inventado uma fantasia mais leve.
- 31** — Mais leve do que isso? Você está quase nua, Tatisa. Eu ia com a minha havaiana, mas só porque aparece um pedaço da coxa o Raimundo implica. Imagine você então...
- 32** Com a ponta da unha, Tatisa colheu uma lantejoulas que se enredara na renda da meia. Deixou-a cair na pequena constelação que ia armando na barra do saiote e ficou raspando pensativamente um pingo ressequido de cola que lhe caíra no Joelho. Vagava o olhar pelos objetos, sem fixar-se em nenhum. Falou num tom sombrio:
- 33** — Você acha, Lu?
- 34** — Acha o quê?
- 35** — Que ele está morrendo?
- 36** — Ah, está sim. Conheço bem isso, já vi um monte de gente morrer, agora já sei como é. Ele não passa desta noite.
- 37** — Mas você já se enganou uma vez, lembra? Disse que ele ia morrer, que estava nas últimas... E no dia seguinte ele já pedia leite, radiante.
- 38** — Radiante? — espantou-se a empregada. Fechou num muxoxo os lábios pintados de vermelho-violeta. — E depois, eu não disse não senhora que ele ia morrer, eu disse que ele estava ruim, foi o que eu disse. Mas hoje é diferente, Tatisa. Espiei da porta, nem precisei entrar para ver que ele está morrendo.
- 39** — Mas quando fui lá ele estava dormindo tão calmo, Lu.
- 40** — Aquilo não é sono. É outra coisa.
- 41** Afastando bruscamente o saiote aberto nos joelhos, a jovem levantou-se. Foi até a mesa, pegou a garrafa de uísque e procurou um copo em meio da desordem dos frascos e caixas. Achou-o debaixo da esponja de arminho. Soprou o fundo cheio de pó de arroz e bebeu em largos goles, apertando os maxilares. Respirou de boca aberta. Dirigiu-se à preta.
- 42** — Quer?
- 43** — Tomei muita cerveja, se misturo dá ânsia.
- 44** A jovem despejou mais uísque no copo.
- 45** — Minha pintura não está derretendo? Veja se o verde dos olhos não borrou...
- 46** Nunca transpirei tanto, sinto o sangue ferver.
- 47** — Você está bebendo demais. E nessa correria... Também não sei por que essa invenção de saiote bordado, as lantejoulas vão se desgrudar todas no aperto. E o pior é que não posso caprichar, com o pensamento no Raimundo lá na esquina...
- 48** — Você é chata, não, Lu? Mil vezes fica repetindo a mesma coisa, taque-taquetaque-taque! Esse cara não pode esperar um pouco?
- 49** A mulher não respondeu. Ouvia com expressão deliciada a música de um bloco que passava já longínquo. Cantarolou em falsete: *Acabou chorando... acabou chorando...*
- 50** — No outro carnaval entrei num bloco de sujos e me diverti à grande. Meu sapato até desmanchou de tanto que dancei.
- 51** — E eu na cama, podre de gripe, lembra? Neste quero me esbaldar.
- 52** — E seu pai?
- 53** Lentamente a jovem foi limpando no lenço as pontas dos dedos esbranquiçados de cola. Tomou um gole de uísque. Voltou a afundar o dedo no pote.
- 54** — Você quer que eu fique aqui chorando, não é isso que você quer? Quer que eu cubra a cabeça com cinza e fique de joelhos rezando, não é isso que você está querendo?
- 55** — Ficou olhando para a ponta do dedo coberto de lantejoulas. Foi deixando no saiote o dedal cintilante. — Que é que eu posso fazer? Não sou Deus, sou? Então? Se ele está pior, que culpa tenho eu?
- 56** — Não estou dizendo que você é culpada, Tatisa. Não tenho nada com isso, ele é seu pai, não meu. Faça o que bem entender.
- 57** — Mas você começa a dizer que ele está morrendo!
- 58** — Pois está mesmo.
- 59** — Está nada! Também espiei, ele está dormindo, ninguém morre dormindo daquele jeito.
- 60** — Então não está.
- 61** A jovem foi até a janela e ofereceu a face ao céu roxo. Na calçada, um bando de meninos brincava com bisnagas de plástico em formato de banana, esguichando água um na cara do outro. Interromperam a brincadeira para vaiar um homem que passou vestido de mulher, pisando para fora nos sapatos de saltos altíssimos. “Minha lindura, vem comigo, minha lindura!”, gritou o moleque maior, correndo atrás do homem. Ela assistia à cena com indiferença. [...]

1. Considerando o sentido e as ideias presentes no texto I, julgue as assertivas a seguir.

I. O texto “**Antes do baile verde**” está centrado em um diálogo entre personagens que, embora possam parecer amigas, estão, solidamente, hierarquizadas em uma relação que lembra a das antigas sinhás com suas mucamas, em que a jovem branca não só exige a ajuda, mas também não tolera reclamações da outra, tampouco opiniões contrárias à sua.

C: conforme se verifica ao longo do texto.

II. É possível afirmar que o ponto de tensão do conto consiste no conflito entre o anseio de Tatisa de ir ao baile e o receio da morte de seu pai, situação que justifica sua agressividade para com Lu e sua incredulidade quanto à real situação da saúde de seu pai.

C

III. Pode-se depreender do texto I que Lu tem o objetivo de alertar Tatisa de que esta deveria cuidar de seu pai, apesar do baile de carnaval, em razão do perecimento deste.

E: a empregada espanta-se com o fato de Tatisa desejar curtir o carnaval, mas ignora esse fato e evita discussão, de modo que almeja acabar seu trabalho, para encontrar com Raimundo.

IV. Apesar de auxiliar Tatisa na preparação desta para o baile, Lu tem seu pensamento distante, o que é comprovado tanto pelo fato de cantarolar uma canção, enquanto arruma a patroa, quanto por sua atitude de não responder às provocações e aos insultos desta.

E: esse fato é comprovado, por ela não responder às grosserias de Tatisa.

2. Julgue os itens a seguir, com base nos aspectos morfológicos do texto I.

I. A palavra destacada nos excertos “**ele fica uma onça se me atraso**” (12º parágrafo) e “**Mas se tiver que pregar as lantejoulas em todo o saiote...**” (17º parágrafo) apresenta a mesma classificação gramatical e o mesmo valor semântico.

E: o primeiro “**se**” é conjunção subordinativa temporal, e o segundo é conjunção subordinativa condicional.

II. No período “**Dirigiu-se à preta.**” (41º parágrafo), o emprego da palavra em destaque exemplifica derivação imprópria.

E: o referido vocábulo pode ser adjetivo, mas também é registrado como substantivo feminino no dicionário.

PRETO

substantivo masculino

1 HIST escravo ou empregado negro

2 (1720) a cor do piche; a cor preta <o p. foi muito usado na obra desse pintor>

3 (1789) p.met. indivíduo descendente de africanos de cor negra <há pretos e brancos nesta comunidade>

adjetivo

7 (sXIII) que tem a cor do piche ou do carvão; negro

8 diz-se dessa cor <a cor p. fica bem na decoração se for us. com sobriedade>

9 diz-se de pessoa descendente de africanos de cor negra

III. O pronome pessoal oblíquo destacado em “**um pingo ressequido de cola que lhe caíra no joelho**” (32º parágrafo) poderia ser substituído, sem prejuízo semântico pela contração “*dela*”, na reescritura seguinte: **um pingo ressequido de cola que caíra no joelho dela.**

C: como o “**lhe**” apresenta valor de posse, semanticamente, a substituição poderia ser feita. Haveria, no entanto, alteração gramatical, segundo Celso Cunha, que considera o “**lhe**” apenas como objeto indireto, e o “*dela*”, no trecho, seria adjunto adnominal.

IV. As locuções verbais sublinhadas em “**Deixou-a cair na pequena constelação que ia armando na barra do saiote e ficou raspando pensativamente um pingo ressequido de cola**” (32º parágrafo) apresentam aspecto permansivo.

C: ambas as locuções exemplificam ações em andamento, já iniciadas, porém ainda não concluídas.

3. Com base nos aspectos sintáticos do texto I, julgue os itens subsequentes.

I. Em “**a cauda do vestido de cetim arrastando-se enxovalhada pelo asfalto**” (1º parágrafo) e em “**fazendo rodar a capa encharcada de suor**” (1º parágrafo), pode-se identificar o mesmo tipo de predicado, no caso, verbo-nominal.

E: no primeiro trecho, sim, com os núcleos “**arrastando**” e “**enxovalhada**”; no segundo trecho, tem-se, apenas, predicado verbal, visto que “**encharcada**” é adjunto adnominal do núcleo do objeto direto “**capa**”.

II. O período “**Eu ia com a minha havaiana, mas só porque aparece um pedaço da coxa o Raimundo implica.**” (31º parágrafo) é composto por coordenação e por subordinação e contém três orações, sendo uma delas subordinada adverbial causal.

C: as três orações que compõem o período referido são as seguintes:

“**Eu ia com a minha havaiana**” – oração coordenada assindética

“**mas o Raimundo implica**” – oração coordenada sindética adversativa e principal

“**só porque aparece um pedaço da coxa**” – oração subordinada adverbial causal

III. Os termos sublinhados em “**Achou-o debaixo da esponja de arminho**” (41º parágrafo) exercem a mesma função sintática, apesar de terem referentes distintos.

E: o primeiro termo desempenha função de complemento nominal do advérbio “**debaixo**”; o segundo termo é adjunto adnominal, usado para especificar o substantivo “**esponja**”.

IV. Não se pode afirmar que o termo “**pelo asfalto**”, contido em “**a cauda do vestido de cetim arrastando-se enxovalhada pelo asfalto**” (1º parágrafo), é agente da passiva.

C: o referido termo é adjunto adverbial de causa.

Texto II: Marcha de Quarta-Feira de Cinzas

- | | |
|--|---|
| 1 Acabou nosso carnaval | 19 Qualquer dia vai se acabar |
| 2 Ninguém ouve cantar canções | 20 Todos vão sorrir |
| 3 Ninguém passa mais | 21 Voltou a esperança |
| 4 Brincando feliz | 22 É o povo que dança |
| 5 E nos corações | 23 Contente da vida |
| 6 Saudades e cinzas | 24 Feliz a cantar |
| 7 Foi o que restou | |
| | 25 Porque são tantas coisas azuis |
| 8 Pelas ruas o que se vê | 26 E há tão grandes promessas de luz |
| 9 É uma gente que nem se vê | 27 Tanto amor para amar de que a gente nem sabe |
| 10 Que nem se sorri | |
| 11 Se beija e se abraça | 28 Quem me dera viver pra ver |
| 12 E sai caminhando | 29 E brincar outros carnavais |
| 13 Dançando e cantando | 30 Com a beleza |
| 14 Cantigas de amor | 31 Dos velhos carnavais |
| | 32 Que marchas tão lindas |
| 15 E no entanto é preciso cantar | 33 E o povo cantando |
| 16 Mais que nunca é preciso cantar | 34 Seu canto de paz |
| 17 É preciso cantar e alegrar a cidade | 35 Seu canto de paz |
| | |
| 18 A tristeza que a gente tem | |

MORAES, Vinícius de. **Marcha de Quarta-Feira de Cinzas**. 1963. In: SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuzá Homem de. **A Canção no Tempo: 85 anos de músicas brasileiras**. Vol 1: 1901-1957. São Paulo: Editora 34, 1997.

4. Com relação às ideias presentes no texto II, julgue os itens a seguir.

I. Segundo o eu lírico, há uma tristeza imanente ao povo do seu país, a qual precisa acabar, conforme, inclusive, é o seu desejo, expresso na quarta estrofe.

E: na verdade, não se pode afirmar que a tristeza é imanente, visto que, conforme a última estrofe, houve velhos carnavais felizes. Possivelmente, pela data em que foi publicado o poema, o eu lírico refere-se ao período difícil, no âmbito político e social, que precedeu o Golpe Militar de 1964.

II. Pode-se inferir do texto que o título faz referência tanto ao fim do carnaval e ao início da quaresma quanto ao término de um momento de alegria e de amor e ao princípio de um período “**cinza**”, de tristeza e de apreensão.

C: a palavra “**marcha**” faz referência tanto às marchinhas de carnaval quanto ao ato de marchar para tempos sombrios, sem alegria. A “**quarta-feira de cinzas**” é o término do carnaval e também da alegria. Com a dizimação representada pelas “**cinzas**”, o que restou nos corações foram as saudades.

III. A metonímia foi a figura de linguagem empregada nos versos “**Porque são tantas coisas azuis**” (25º verso) e “**E há tão grandes promessas de luz**” (26º verso), do mesmo modo que, em “**Mais que nunca é preciso cantar**” (16º verso), o hipérbato foi o recurso estilístico usado.

C: “**azuis**” substitui “**coisas boas**”, claras, em oposição ao cinza que se vai estabelecendo, assim como “**promessas de luz**”. Também se pode identificar inversão de ordem dos termos sintáticos no verso dezesseis.

IV. Caso o verso “**Ninguém passa mais**” (3º verso) fosse reescrito como *Ninguém mais passa*, não haveria alteração gramatical, mas o sentido original seria alterado.

E: no verso original, “**mais**” é advérbio, modifica o verbo “**passa**” e indica tempo. Na reescritura, passa a ser pronome indefinido, referindo-se a “**Ninguém**”.

MAIS

advérbio

6 já, agora (em frases negativas) <não chove m.>

pronome

8 *[pron.indef.]* em maior quantidade, em maior número <sentiu m. vontade de estudar> <o cenógrafo precisou de m. luz> <as ruas têm m. mendigos do que nunca>

5. Julgue as assertivas subsequentes, com base nos aspectos gramaticais do texto II.

I. Os pronomes demonstrativos grifados nos versos “**Foi o que restou**” (7º verso) e “**Pelas ruas o que se vê**” (8º verso) desempenham a mesma função sintática.

E: o primeiro desempenha função de núcleo de predicativo do sujeito, o qual é “**Saudades e cinzas**”, e o segundo retoma “**ruas**” e constitui-se com núcleo do sujeito.

II. A palavra “**se**” apresenta, em cada uma de suas ocorrências nos versos oito, nove e dez, classificação gramatical distinta.

E: no verso oito, o “**se**” é pronome apassivador; nos versos nove e dez, tem-se pronome reflexivo (a gente não se vê entre si, não sorri uma para a outra) com valor de reciprocidade.

III. Considerando-se as regras de colocação pronominal, o verso “**Qualquer dia vai se acabar**” (19º verso) estaria correto tanto se fosse reescrito como *Qualquer dia vai-se acabar* quanto se a versão escolhida fosse *Qualquer dia vai acabar-se*, já que se tem locução verbal, com verbo principal no infinitivo.

E: como há fator de próclise, no caso, a locução adverbial “**Qualquer dia**”, que não veio separada por vírgula, as opções corretas seriam *Qualquer dia vai-se acabar* ou *Qualquer dia vai acabar-se*.

IV. As preposições destacadas nos versos “**Quem me dera viver pra ver**” (28º verso) e “**Com a beleza**” (30º verso) são nocionais, entretanto apresentam valores semânticos distintos e introduzem termos sintáticos diferentes.

E: ambas as preposições são, realmente, nocionais, introduzem adjuntos adverbiais, sendo o primeiro de finalidade e o segundo de modo.